

# Jornal da Comunidade



UNIVERSIDADE  
EDUARDO  
MONDLANE

[www.uem.mz](http://www.uem.mz)

[facebook.com/uemmoc](https://facebook.com/uemmoc)

[twitter.com/uemmoz](https://twitter.com/uemmoz)

[youtube.com/uemmoz](https://youtube.com/uemmoz)

Edição: 211 | Sexta-feira, 15 de Abril de 2022 | Periodicidade: Semanal

## UEM prepara Dicionário do Português de Moçambique

O dicionário terá efeito multiplicativo, permitindo a criação de recursos derivados, o seu uso nas escolas, e constituir-se-á, também, num instrumento de cidadania, ao reconhecer a legitimidade das formas características do português de Moçambique.

➔ *Prof. Doutora Inês Machungo,  
coordenadora do projecto.*



A Cátedra de Português Língua Segunda e Estrangeira da Faculdade de Letras e Ciências Sociais da UEM está a desenvolver um trabalho tendente à produção do Dicionário do Português de Moçambique

(DiPoMo), um instrumento importante para a criação de recursos didáticos adequados no País.

Segundo a coordenadora do projecto, Prof. Doutora Inês Machungo, o dicionário terá

efeito multiplicativo, permitindo a criação de recursos derivados, o seu uso nas escolas, e constituir-se-á, também, num instrumento de cidadania. O Dicionário constitui uma forma de reconhecer a legitimidade

### AINDA NESTA EDIÇÃO:

#### FACED cria Centro de Pesquisa em Educação

A Faculdade de Educação (FACED) acaba de criar um Centro de Pesquisa em Educação, uma unidade vocacionada na promoção da investigação na área, no País.

### ANUNCIE NESTE ESPAÇO!

Para mais detalhes:  
[cecoma@uem.ac.mz](mailto:cecoma@uem.ac.mz)

das formas características do português de Moçambique e servirá de base para a criação de recursos computacionais, moldando uma nova geração de recursos.

Para fazer o balanço do primeiro ano de actividades, está agendado um Colóquio que terá lugar no dia 04 de Maio. Integrado nas actividades comemorativas do Dia Mundial da Língua Portuguesa, o evento permitirá a divulgação de informações sobre o trabalho realizado, bem como a actualização de conhecimentos no âmbito da e-lexicografia e da política de língua, para enriquecimento das metodologias adoptadas e o enquadramento teórico que orienta a obtenção e análise de dados”, disse.

Segundo a coordenadora do projecto, há alguns anos, foi elaborado um vocabulário ortográfico do Português de Moçambique, disponível para consultas *online*, um instrumento que serve apenas para nos guiar em relação a ortografia do português.

“Precisamos de um pouco mais do que isso, saber o verdadeiro sentido das palavras e conhecer quais as que apresentam características de Moçambique e que devem constar do dicionário com o respectivo significado. Por exemplo, a expressão ‘casa da mãe espera’ é comum ouvir-se aqui no País e conhecer o significado, mas um estrangeiro pode não compreender”, clarificou.

Reiterou que precisamos de ter um instrumento que nos indique quais são as palavras que devem figurar no dicionário e que revelem a realidade moçambicana.

“Vai conter aquelas palavras que são comuns a todos outros vocabulários e aquelas que são características de Moçambique. Portanto, vamos adoptar uma perspectiva integralista, o que permitirá com que seja um instrumento de cidadania, uma vez que vamos reconhecer a legitimidade das formas que são características do Português de Moçambique”, alertou.

O DiPoMo será o terceiro dicionário do género a nível da CPLP, depois de Portugal e Brasil.

“Alguns desafios que temos na produção deste dicionário estão relacionados com a obtenção de fontes que são de textos jornalísticos, académicos, literários e já conseguimos obter transcrições de actas parlamentares, um passo importante porque no parlamento estão representantes que falam o português de cada uma das províncias”, rematou.

O dicionário vai conter 60 mil palavras obtidas a partir de 30 milhões de átomos.

A iniciativa deste dicionário iniciou em Fevereiro do ano corrente e conta com o financiamento do Camões - Instituto da Cooperação e da Língua, através do Instituto Internacional da Língua Portuguesa, organismo da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa.

## COVID-19 impõe novos métodos de jornalismo

**Comunidade Académica da Escola de Comunicação e Artes da UEM e profissionais da comunicação social de diversas organizações de media defendem que a pandemia da COVID-19 impôs novos métodos de trabalho que os “homens de imprensa” devem assimilar para credibilizarem as suas matérias.**

Este posicionamento foi feito na segunda-feira, durante o debate havido na Escola de Comunicação e Artes (ECA) sobre os desafios do jornalismo na actualidade moçambicana, a propósito da passagem do 11 de Abril, dia da criação, há 44 anos, do Sindicato Nacional dos Jornalistas (SNJ).

O Secretário para Assuntos Sindicais e Associativos no SNJ, Osvaldo Gemo, disse na ocasião que a COVID-19 veio a desestruturar as bases do jornalismo, a partir do momento que rompeu aspectos tradicionais como o contacto directo e permanente entre o repórter e as fontes e reduziu trabalhos de campo.

“O jornalista não estava preparado para o teletrabalho, estava habituado a estar com o editor ao lado para a revisão imediata das suas notícias e perdeu-se a habilidade investigativa devido à falta do contacto directo com os factos”, explicou.

Afirmou que o teletrabalho veio para ficar, sendo por isso que urge a necessidade de capacitar jornalistas em matérias ligadas aos novos métodos de trabalho para que continuem a exercer as suas actividades sem colocar em causa a credibilidade das



informações que publicam nos órgãos de informação.

“O futuro é dos medias digitais e os jornalistas devem estar a par dessas mudanças. Tenho recebido muitos estudantes na redacção e percebo que não estão preparados para a actual realidade”, garantiu.

Num outro tópico, a Presidente da Associação da Mulher na Comunicação Social,

Jacinta Nhamitambo, referiu que, num contexto em que as tecnologias de informação são usadas para desinformar, o jornalista tem a obrigação de trazer a verdade. “São poucas pessoas que têm acesso ao jornal ou televisão, mas em todos locais pelo menos existe alguém com telemóvel para se comunicar e obter informação”, justificou. Referiu que a existência de poucas



mulheres nas redacções é outro constrangimento que continua a assolar o jornalismo moçambicano.

A mesma opinião foi partilhada pelos estudantes de jornalismo na UEM que apontaram a contínua formação de repórteres como uma saída para a melhoria dos trabalhos jornalísticos.

“A formação de jornalista é crucial porque temos eventos extremos como os casos da COVID-19 e guerras que exigem novos métodos de trabalho e o repórter deve estar preparado para a nova realidade”, defendeu o estudante da ECA, Hilário Alfredo.

Florença Nhabinde, também estudante de jornalismo, reiterou que a universidade tem o desafio de formar jornalistas que respondam à demanda do mercado.



## FACED cria Centro de Pesquisa em Educação

**A Faculdade de Educação (FACED) acaba de criar um Centro de Pesquisa em Educação, uma unidade vocacionada na promoção da investigação na área, no País.**

O Centro vai ajudar a FACED no desenvolvimento da prática da investigação, ao mesmo tempo que vai ser responsável por estabelecer critérios de qualidade a serem seguidos pelo corpo docente/investigador daquela unidade na realização de pesquisas.

De acordo com Coordenador do Centro, Dr. Adriano Uaciquete, o Centro não apenas vai desenvolver investigação pura, vai dedicar-se igualmente a trabalhos de consultoria em educação, bem como promover a ligação entre a Universidade e a comunidade.

Uaciquete fez saber que o Centro já tem acordos assinados com organizações da sociedade civil e com universidades nacionais para realização de pesquisas de educação.

Ao nível interno, o Centro tem projectos de pesquisa com outros, com destaque para



o Centro Estudantil da UEM para realização de uma pesquisa que arranca em breve relacionada com os estudantes com necessidades educativas especiais, com vista a perceber como tem sido o percurso destes dentro da Universidade. “Mas também temos um projecto de pesquisa sobre a adoção de tecnologias para o ensino no contexto da COVID-19, interessa-nos saber o impacto

destas novas práticas de ensino e aprendizagem para os estudantes e docentes”, disse. O Coordenador assegura que o Centro já foi aprovado pelos órgãos internos, já tem o quadro de pessoal instituído e está numa fase de instalação enquanto paralelamente realiza actividades no âmbito das suas atribuições. Espera-se que o Centro assegure a produção

científica de qualidade, estabeleça um quadro normativo e ético para a realização da pesquisa na área de educação, clarifique incentivos para investigadores e estudantes que realizam pesquisa na FACED, e assegure um serviço de consultoria na área de educação para organizações nacionais e internacionais.

## Ensino à distância no País deve obedecer ao perfil do estudante

**O Docente e pesquisador da Faculdade de Educação da UEM, Prof. Doutor Aires Mombassa, defende que a estrutura organizacional que atende questões de ensino à distância a nível das instituições públicas no País não foi construída em função das características dos estudantes desta modalidade de educação.**

Alerta que aspectos tecnológicos como computador de mesa, computador portátil, internet, entre outros, são mais considerados pelas instituições em detrimento dos aspectos socioeconómicos dos estudantes.

O pesquisador explica que o desconhecimento do funcionamento da modalidade por parte dos gestores e professores que actuam nos cursos de licenciatura põe em causa a especificidade da modalidade, uma vez que as práticas de gestão voltadas para o ensino presencial estão sendo transportadas para o contexto de ensino à distância.

Este posicionamento consta da sua tese de doutoramento que analisa a organização e gestão de unidades de ensino à distância a partir do perfil dos estudantes, tendo como estudo de caso as Universidades Eduardo Mondlane e Pedagógica de Maputo.

A tese revelou basicamente que a maior

parte dos professores não conhece os estudantes a quem ensinam. “Quanto maior for o conhecimento do perfil do estudante por parte dos professores, gestores e decisores políticos, mais facilidades terão de obter uma estrutura que responde às necessidades dos que cursam esta modalidade de ensino”, sublinhou.

“Não vou frequentar um curso de ensino à distância sem, por exemplo, ter computador, internet de qualidade ou sem conhecer os programas essenciais para o acompanhamento das aulas”, anotou.

Reiterou que estes e outros aspectos, como a disponibilidade de salas de aulas e respectivos equipamentos para docentes, conhecimento da localização e da distância percorrida pelo estudante para chegar ao centro de recursos, são cruciais para o ensino de qualidade desejado.



Prof. Doutor Aires Mombassa

Referiu-se à importância do censo escolar, explicando que o mesmo permite conhecer como a população estudantil do ensino à distância está organizada, porque actualmente esta modalidade de aprendizagem vigora também nas instituições privadas.

“Um dos ganhos que a pesquisa traz tem a ver com a redução das desigualdades sociais e alerta para que o ensino superior chegue ao estudante independentemente da sua localização”, concluiu.

A tese de doutoramento do Professor Doutor Aires Mombassa, desenvolvida no ano 2020, tem como tema Organização e Gestão da Educação a Distância em Moçambique: uma análise a partir do perfil dos estudantes.

Prof. Doutor Aires Mombassa é doutorado em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil.

